

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 7 de Fevereiro de 1879

IV VOL. N.º 194.



ERRATA:

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1879

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver ; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, e que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidioces Primacial ; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados n mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

SUBSIDIO PARA O SOBERANO PONTIFICE.

*Lista dos subscriptores e respectivas quantias
para o fim supradito:*

Transporte.	182\$945	réis
Padre Fortunato Casimiro da Silveira, abbade de Quinchães.	6\$000	»
Padre Antonio Gonçalves Pereira, parochio da Igreja Nova.	4\$500	»
Francisco de Paiva.	\$200	»
O Beneficiado padre Manoel José Dias da freg. ^a da Carvalheira.	4\$500	»
Padre Bento José Barroso, da freguezia de Pedraça. . . .	4\$500	»
Padre Antonio Baptista Linhares, da freg. ^a de Refojos de Basto.	1\$000	»
Somma.	203\$645	»

EXPEDIENTE

Avisamos os estimaveis assignantes d'esta folha de que toda a correspondencia concernente á Redacção deve ser dirigida ao seu Director Padre João Rebello Cardoso de Menezes, Seminario Conciliar; e toda a que for concernente á administração deve ser dirigida ao seu administrador Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel, director e administrador do «Commercio do Minho», rua Nova n.º 4.

Esperamos que esta advertencia, seja, como é mister, tomada em consideração por todos os assignantes, para a boa regularidade do serviço.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

1.ª Repartição

Presbyteros apresentados pelo decreto de 25 de Janeiro.

Declarado sem effeito o decreto de 20 de dezembro de 1877, que apresentou o presbytero Francisco Aurelio Dias na igreja parochial de S. João de Negrilhos, da diocese de Beja.

O presbytero Francisco Aurelio Dias—apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Victoria, no concelho e diocese de Beja.

O presbytero Antonio dos Santos—apresentado na igreja parochial de

Nossa Senhora da Ajuda de Monforte da Beira, no concelho e diocese de Castello Branco.

O presbytero José Ribeiro de Almeida—apresentado na igreja parochial de S. Sebastião de Villa Cortez do Mondego, no concelho e diocese da Guarda.

O presbytero José Correia Dias de Almeida, parochio collado na igreja de S. Thiago de Riba de Ul, na diocese do Porto—apresentado na igreja parochial de S. Paio de Oleiros, no concelho da Feira, da mesma diocese.

O presbytero Antonio Rodrigues Costa —apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora dos Milagres de Pindello, no concelho de S. Pedro do Sul, diocese de Vizeu.

Declarados sem effeito, a requerimento do interessado, o decreto de 20 de setembro de 1874, que fez mercê ao presbytero Antonio Vaz de Seixas da serventia vitalicia da thesouraria da igreja parochial de S. Bartholomeu de Xabregas, de Lisboa.

SECÇÃO RELIGIOSA

A festa da Purificaçãe da SS. Virgem.

Postquam impleti sunt dies purgationis ejus secundum legem Moysi, tulerunt illum in Jerusalem, ut sisterunt eum Domino.

(S. Luc. cap. 2.^o v. 22).

Era prescripto pela lei de Moysés que as mulheres que tivessem dado á luz um menino, fossem reputadas impuras durante quarenta dias, depois dos quaes deviam ir appresentar-se ao templo, para renderem suas homenagens ao Senhor.

Por uma outra lei ordenara Deus que lhe fossem offerecidos todos os primogenitos das familias, e que se remissem por um alto preço, a saber—cinco siclos por um menino, e tres por uma menina isto em memoria de que Deus tinha feito perecer todos os primogenitos dos Egyptios pela mão do anjo exterminador, e conservado as das Israelitas. (Levit. cap. 12. v. 6.^o Exord. cap. 13. v. 2.^o)

Tendo pois chegado o quadragésimo dia depois do nascimento do Salvador, a Santissima Virgem sahia de Bethlem, e se transportou ao templo com S. José, para cumprir a lei de Moysés, tocante á purificação das mulheres, e offerenda dos primogenitos a Deus.

E' no dia dous de Fevereiro que a Igreja celebra esta grande solemnidade, appresentando ás nossas meditações nada menos que tres mysterios: *A purificação da SS. Virgem, a appresentação de Jesus no templo, e o encontro dos santos velhos Anna e Simeão.*

Que de maravilhas estão encerradas na solemnidade d'este dia! Um Deus é offerecido a um Deus; um menino de quarenta dias offerece-se elle mesmo ao Padre Eterno, e é sacerdote e victima ao mesmo tempo

Uma virgem vae purificar-se, porque se ha tornado mãe, posto que sem cessar de ser virgem.

Um velho tem em seus braços *Aquelle que o céu e a terra não podem conter.*

Oh! quanto convem considerar nas admiraveis virtudes que a SS. Virgem pratica n'este mysterio! Sim, uma obediencia generosa a faz submeter á observancia d'uma lei que a não obrigava; ella não necessita de purificar-se, porisso que havia concebido e dado á luz seu Divino Filho, por milagre, e com uma perfeita pureza.

E' unicamente para agradecer a Deus que ella se sujeita ao cumprimento d'esta lei, com quanto pareça prejudicar a sua reputação, observando as ceremonias prescriptas para as mulheres impuras, e offerecendo o sacrificio destinado pelo peccado.

Uma profunda humildade: Ella não hasita em por-se na ordem das outras mulheres manchadas por seu parto, posto que excessivo seja o seu amor pela virgindade: offerece o sacrificio pelo peccado, sendo que nunca o tinha commettido, dando d'esta sorte logar a crer que seu Filho não era Deus.

E', porém, de notar que se humilha d'este modo, sabendo quanto Deus é honrado pela humildade, e reconhecendo que teria sido impura como as outras mulheres, se Deus, por um privilegio unico, a não tivesse preservado.

Uma grande affeição á pobreza: Ella não appresenta um cordeiro, que era a offerenda dos ricos, mas duas rolas, ou dous pombinhos, como os pobres.

Um grande respeito para com os sacerdotes: Ella se humilha diante d'elles, recorrendo ao seu ministerio. Uma caridade fervorosa para com os homens, pela salvação dos quaes ella offerece seu Filho ao Padre Eterno.

E, enfim, um extremoso amor de Deus, a quem obedece, e honra, offerecendo-lhe seu Divino Filho um holocausto mui agradavel.

Que conjunto de virtudes nos não appresenta hoje a SS. Virgem!

Oh! é para cumprir toda a justiça, quer dizer, para nada omitir do que podia contribuir para a nossa salvação e nossa perfeição, que Maria Santissima, isenta da observancia da lei de Moisés, quiz sujeitar-se ao cumprimento d'ella!

E eis em substancia o mysterio ou antes os mysterios cumpridos n'este dia, em memoria dos quaes a Igreja estabeleceu a festa que hoje celebramos.

Tem-se-lhe dado muitos nomes, para exprimir as differentes maravilhas que ahí se passaram, e que devemos considerar com reflexão, afim de recolhermos os fructos que a ella são unidos.

Esta festa é chamada tambem desde logo a *Presentação de Nosso Senhor Jesus Christo no templo*, para designar seu objecto principal; por que ella foi estabelecida sobre tudo em memoria da offerenda do Divino Menino, que Maria e José fizeram n'este dia no templo de Jerusalem, para cumprirem a lei de Moisés

Foi no momento d'esta divina appresentação que, segundo as prophcias de Aggeu, este templo, edificado depois da volta do captiveiro de Babylonia, recebeu incomparavelmente mais gloria do que a que ti-

nha recebido o de Salomão; porque n'este fôra Deus servido por homens na maior parte peccadores e criminosos, emquanto que n'aquelle o fôra por almas as mais puras e innocentes: por S. José, que era um homem justo; quer dizer, no estylo da Escriptura, um homem d'uma santidade completa; pela SS. Virgem, sempre pura e immaculada; e, em fim, pelo mesmo Jesus Christo, Filho unico de Deus, grande Sacerdote segundo a ordem de Malchisededo, e o pontifice mais augusto que se podesse imaginar — pontifice *santo, innocente, sem macula, separado dos peccadores, e mais elevado que os céos.*

Varios escriptores antigos deram a esta solemnidade o nome de *festa de Simeão e d'Anna*. De Simeão, porque este veneravel velho appareceu no templo com um esplendor extraordinario. E com effeito o Evangelista, n'esta occasião, louva-o altamente, com *um homem justo e temente a Deus*, que esperava com confiança a redempção de Israel, que possuia em seu coração o Espirito Santo, como o mais precioso de todos os thesouros, e que mereceu d'esta sorte ver o complemento da promessa que lhe tinha sido feita longo tempo antes, de não sahir d'esta vida mortal, sem ter visto com seus proprios olhos o Salvador do mundo.

Festa d'Anna, porque esta santa viuva se encontrou no templo, por uma providencia particular, com o santo velho Simeão, no momento em que Maria e José vieram appresentar ahi Jesus Christo.

Não podendo então conter sua alegria, ella se pôz a fallar com admiração d'este Menino, *a todos aquelles que, como ella, esperavam a redempção de Israel.*

E ultimamente dá-se tambem a esta festa o nome de *Candelaria*, ou de *Senhora das Candeias*, já por causa das tochas que n'essa occasião se accendem, e se levam na procissão, e já porque o fim d'esta cerimonia é testemunhar a parte que todos os fieis tomam hoje na alegria extraordinaria que experimentou o santo velho Simeão, no momento em que teve o Salvador entre seus braços, e o exaltou como *a luz das nações e a gloria de Israel.*

Podemos ainda acrescentar uma outra rasão pela qual a Egreja consagrou a invocação de *Senhora da Candelaria*, e vem a ser—que Maria SS. havia dado ao universo a luz, que afugentara a noite da idolatria, e indicara a todas as nações a origem da santificação e da vida.

E n'este sentido exclama santo Epiphanio, dizendo: Maria é o candieiro d'ouro visto por Zacarias, (cap. 4.^o v. 2) illuminado com esta luz inextinguivel, designada para conduzir o homem a travez das tempestades do mundo.

E continua—E' Ella o candieiro virginal, que devia receber do throno do Altissimo a luz consubstancial, da qual estava escripto:

Eu dilatarei sobre elle o poder de David; prepararei uma alampada para o meu Christo (Psal. 131. v. 17).

Meditando, pois, sobre as virtudes de que a SS. Virgem nos deu exemplo, vamos ao templo assistir ao officio d'este dia, com o mesmo espirito que alli conduziu o santo velho Simeão; isto é, com os sentimentos d'essa *fê viva* que lhe fez reconhecer Jesus Christo pelo Salvador do mundo a luz das nações, e com esse *ardente amor*, que lhe fez unir do coração o sacrificio de sua vida ao que o Salvador offertou então a Deus pela salvação dos homens.

A. e B.

LITTERATURA.

O PUNHAL DO VESUVIO

ou

As victimas das Sociedades secretas.

I

A bordo da «Italia».

(Continuação).

—Muito bem ! Estou ás ordens de v. exc.^a

—Voltemos ao salão do jogo. Eis acolá o porto ; a *Italia* vae lançar ferro : apenas tenho tempo de tomar a minha desforra, porque, como estareis lembrado, vós deveis-me uma desforra.

—Effectivamente.

—Este cavalheiro joga, de certo ?

—Pouco, respondeu Raul, mas ha entre os meus companheiros de viagem um jogador de primeira ordem.

—O seu nome ?

—E' um allemão, o barão Von Rubner.

—Ser-lhe-ha agradável uma partida de whist comnosco ?

—Estou d'isso certo. Elle adora o whist como um yankee. Dentro de poucos minutos terei a honra de o apresentar a v. exc.^a

E, saudando, o conde d'Armilly foi á procura do seu amigo.

Quando deseia os primeiros degraus, depois de ter visitado inutilmente a coberta, Henrique de Caylus cruzou-se com elle.

—Um pequeno serviço, querido primo, disse Raul.

—De que se trata ?

—Verdadeiramente não posso dar com o rasto do bipede Rubner.

—Está no seu camarim. Devo enviar-t'ó ?

—Ao salão do jogo, se és contente.

—Como ? pois tu jogas n'este momento ?

—Oh ! apenas uma simples partida de whist em companhia d'um diplomata da Sublime Porta e d'um velho amigo da infancia que acabo de encontrar a bórdo. Arriscar vinte e cinco luizes, eis tudo. Mas não percas um segundo, peço-t'ó, porque s. exc.^a ottomana está impaciente por se medir com o habil justador que lhe proponho.

Henrique dirigiu-se ao beliche do estudante allemão.

A porta, que estava entreaberta, cedeu a uma ligeira pressão. Elle ia a entrar quando o espectáculo que se apresentou a seus olhos o chumbou ao pavimento.

Von Rubner dormia o somno mais profundo, com a fronte pendida sobre uma pequena mesa abarrotada de livros, jornaes e cartas. Ao redor d'elle, sobre o estrado maculado de vinho, jaziam os destroços das garrafas.

Por sem duvida que o estudante adormecera a beber, e que o seu somno era o pesado somno da embriaguez.

Vencida a impressão desagradável que lhe fazia experimentar este homem, Henrique ia acordal-o, quando subitamente, á vista d'um objecto collocado sobre a meza, empallidece, cambaleia e passa a mão pelos olhos por um movimento involuntario.

O objecto que elle acabava de aperceber, era um punhal.

—Meu Deus—exclamou elle—será isto uma illusão dos meus sentidos! Enganar-me-hão os meus olhos! Eu já vi algures este punhal! Onde, e em que circumstancias?

E quedou-se reflectindo alguns instantes, com os olhos fixos sobre a arma fatal.

Depois aproximou-se, lançou mão d'ella, e virou-a e revirou-a na mão.

—E' ella! é a arma dos sicarios da carbonaria, a arma que feriu D. Philippo. Eis as suas mesmas inscripções: *Morte aos traidores! Liberdade, Fraternidade, Patria.* Este homem, o amigo, o confidente do meu pobre Raul, está pois fliado nas sociedades secretas? Ah! minha mãe não se enganára nos seus presentimentos: o seu coração tinha adivinhado o perigo.

Henrique passou um olhar sobre os jornaes esparsos em torno d'elle. Eram o *Progrés*, de Nenchatec, o *Demokratisches Wochenblatt*, de Leipzig, a *Fratellanza*, de Napoles, o *Volkswill.*, de Viena, e muitas outras folhas cujas tendencias anti-sociaes elle conhecia de ha muito.

Uma carta sêllada, que se via no meio de papeis machucados e rasgados, tinha o endereço de Mazzini.

Não restava pois a menor duvida, o allemão era um homem perigoso. A sua missão devia consistir na propaganda das suas perigosas doutrinas e recrutar proselitos entre os ingenuos, os indecisos e os papalvos.

Espantado da sua indiscrição, Henrique de Caylus, collocou o punhal sobre a mesa e recuou até á porta. N'este movimento tropeçou nos restos das garrafas, os quaes produziram um som cristalino que acordou o allemão.

Ao aspecto do visitador, Rubner estremeceu, levantou-se e passou um olhar ancioso sobre os jornaes e as suas cartas.

Não parecendo notar a perturbação de Rubner, Henrique fez-lhe saber em duas palavras o desejo do ottomano, e, sem esperar resposta, subiu á coberta. Já lhe tardava aspirar um ambiente menos abafado do que o d'este antro horrivel, onde o conduzira o accaso.

Expondo a abrazada frente ás brisas do largo, o joven principe de Caylus permaneceu longo tempo submergido e como que aniquilado por graves meditações.

Quando ergueu a cabeça, a *Italia* acabava de entrar no porto de Marselha.

Raul saia n'este momento do salão do jogo: estava pallido e sombrio.—Decididamente, disse elle, o diplomata tem veia! ganha quinhentos luizes.

—Como assim! em alguns minutos? exclamou Henrique.

—Aquelle Gastão Delorme gosta de jogar jogo forte.

—Perde muito?

—Pelo menos ametade da somma.

—E tu, Raul?

—Cincoenta luizes, uma bagatella, uma miseria. Espero que s. ex.^a Mayoub Pacha me offereça uma desforra em Paris.

—Pois que! tu queres ligar-te com esse estrangeiro?

—Não deixa de ter graça! Mas, caro primo, esse estrangeiro é um alto personagem, aquelle que for honrado com a sua estima, com a sua sympathy, alhanará fácil caminho no mundo. Não será honra somenos o ser recebido em sua companhia pelos membros mais distinctos da diplomacia, das finanças e da aristocracia parisiense. Mas eis que s. ex.^a se prepara para desembarcar. Podemos dispor d'algumas horas ainda antes da partida do trem. Conto aproveitá-las para te fazer visitar os principaes monumentos de Marselha. A digressão é muito bella; estas brisas da costa estão impregnadas d'effluvios odorantes. Apressemo-nos a ganhar terra para nos misturarmos com a multidão alegre e animada que se precipita sobre o Prado ou aos accessos do pharol da Johette.

—Antes de tudo, vamos almoçar, disse Von Rubner adiantando-se seguido de Gastão Delorme.

Raul sorriu-se ironicamente.

—Sim, é isso, disse elle, vamos almoçar; o nosso caro barão não se esquece de forrar bem o seu estomago.

—E' o primeiro dever do viajante.

—Sobretudo do viajante allemão, não é verdade, *meinher*? Pó-consequinte viva a cerveja espumante e o vinho do Rheno! Vinde, senhores, apparemos no *hotel de Provence*; é lá que encontraremos as nossas cartas e os nossos jornaes.

Estas ultimas palavras fizeram estremecer Henrique de Caylus. No meio das suas preocupações tinha esquecido uma promessa feita por seus paes no momento da partida.

O seu primeiro cuidado, ao entrar no hotel, foi pedir os despachos com o seu endereço.

Havia um, chegado algumas horas antes.

Henrique percorreu-o com a vista rapidamente. Uma doce commoção se pintou no seu semblante. Duas vezes leu a phrase seguinte:

—D. Philippo, perfectamente restabelecido do seu accidente, acaba de nos deixar, para retirar-se a um convento estrangeiro.

—Eis um noticia feliz, murmurou o mancebo; esta retirada bal-dará os criminosos projectos dos carbonarios, seus inimigos cruéis e implacaveis. Ah! se Raul podesse, elle tambem, escapar ao seu furor Por bre amigo, vae-se deixando, eu o temo, arrastar-se n'uma senda fatal. Onde irá parar?

Depois do almoço, Raul tomou o braço do seu primo.

—Caro Henrique, este passeio será um dos mais bellos da tua existencia. Pela vez primeira pisa o solo sagrado da patria. Compreendendo a commoção que deves experimentar.

Vem comigo admirar as maravilhas d'esta cidade franceza, collocada aqui á beira do Mediterraneo, como uma sentinella vigilante, e que encerra nos seus vastos depositos todos os thesouros da Eurôpa oriental, da Asia e das regiões equatoriaes. Vém, os instantes voam; e d'outra sorte não podemos ver tudo.

O passeio foi dos mais interessantes.

Quando elles atravessavam o Prado para voltar ao hotel, a sua attenção foi despertada pelos sons de pandeiros e castanholas.

N'um circulo immenso formado pela multidão, algumas *gitanas* hespanholas, de tez bronzeada, olhar vivo, altivamente encurvadas, de membros flexiveis e ageis entregavam-se ás suas pittorescas dansas cantando e acompanhando-se dos seus instrumentos.

Uma d'ellas principalmente, a mais bella, encantava os espectadores pela vivacidade, pela graça dos movimentos, e pelo accento doce e melancolico da voz.

Esta mimosa creatura tinha dez annos apenas; era pequenina e fragil. O seu semblante de traços finos, distinctos e delicados era enquadado pelos aneis setinosos d'uma cabelleira de fino loiro. Velavam-se de lagrimas os seus grandes olhos azues voltados ao céo, quando a multidão a saudava com freneticos bravos.

Uma dor secreta, a nostalgia do paiz natal, talvez, devia contristar esta joven menina.

Raul pensou involuntariamente na irmã do seu amigo; mas repelliu de prompto esta ideia como absurda.

Pouco depois, quando elle ia a retirar-se, uma velha d'aspecto repugnante adiantou-se para o circulo das dançarinas, e tomando aquella creança pela mão, entranhou-se com ella rapidamente na turba.

Um personagem estranho, coberto de andrajos sordidos, seguiu-os, parecendo entreter-se familiarmente com a ignobil mulher.

Raul não pôde reprimir um movimento de surpresa. Este personagem, não podia duvidal-o, não era senão Mayoub-Pacha.

N'este momento fez-se ouvir a voz jovial de Gastão Delorme:

—Senhores, disse elle, apressai-vos! O trem de Paris parte d'entro de hora e meia e só temos tempo de fechar as nossas malas.

Continua.

CEREMONIAL.

(Continuação).

Capitulo IV.

Ceremonial do subdiacono na missa cantada sem exposição.

Sahida da Sacristia	A' esquerda do celebrante, sauda a cruz descoberto.
Ida para o altar	A diante do diacono, coberto.
Chegada ao altar	A' esquerda do celebrante, tira o barrete, apolha e logo se levanta.
Ao começar a missa	A' esquerda do celebrante.
Ao subir ao altar	Faz genuflexão.
Benção do incenso	Retira-se algum tanto para a direita do celebrante.

Incensação do altar	A' esquerda do celebrante, levantando a casula com a mão direita, e genuflectindo com o celebrante. etc.
Quando o celebrante é incensado	A' esquerda do diacono.
Introito	A' direita do diacono.
Ao intoar a gloria	Detraz do diacono, inclina a cabeça, genuflecte, e depois sóbe ao altar, á esquerda do celebrante.
Ao sentar-se	Genuflecte, ergue as mãos, e vae a diante do diacono aos bancos sentar-se, etc., á esquerda do celebrante.
Dominus vobiscum	Levanta-se, genuflecte á esquerda do celebrante, no degrau do altar, e fica depois a traz do diacono.
A's orações	De traz do diacono, e á ultima oração toma o livro da Epistola.
Epistola	Genuflecte, saúda o coro, canta a Epistola.
Concluida a epistola	Fecha o livro, saúda o coro, genuflecte, e vae tomar a benção ao celebrante, depois levanta-se, entrega o livro e toma o missal, e ajoelhando no meio do altar, muda-o para o lado do Evangelho.
Aoler o Evangelho o celebrante	A' esquerda do celebrante.
Ao ir cantar o evangelho	Assiste a fazer o thuribulo, genuflecte com o diacono, saudando o altar, e vae ao lado do Evangelho, toma o missal, que lhe dá o diacono, enquanto canta o Evangelho.
Depois do Evangelho	Acabado o Evangelho, vae leval-o ao celebrante para o beijar, ajoelha á cruz e depois entrega o livro, e faz ao celebrante profunda inclinação e fica no lado da Epistola, á esquerda do celebrante.
Credo	Inclina a cabeça, genuflecte, e sóbe ao altar para a esquerda do celebrante, etc.
Offertorio, oramus etc.	Inclina a cabeça, genuflecte, e vae ao lado da Epistola á credencia receber o véu d'hombros e o calix, que colloca sobre o altar e o offerece ao diacono, e depois offerece o vinho e deita agua, dizendo <i>benedicite pater reverende.</i>
Depois de fazer o calix	Toma a patena com a mão direita, desce ao meio do altar, e ahi genuflecte, e ficando em pé, é incensado pelo diacono, etc.
Sanctus	Genuflecte, e vae á esquerda do celebrante, e no fim do <i>Sanctus</i> genuflecte, e vae para o seu logar a traz do celebrante.
A' elevação	Ajoelha no seu logar.

Dimittite nobis	Ajoelha, sóbe ao altar a dar a pax ao diacono, e depois torna a joelhar e volta para traz do celebrante.
Agnus Dei	Ajoelha, sóbe á esquerda do celebrante, e ahi ajoelhando com os outros simultaneamente, diz o <i>Agnus Dei</i> , e no fim ajoelha e vae para o seu lugar, a traz do celebrante.
Pax Domini	Recebe a pax do diacono, fazendo-lhe inclinação antes e depois, genuflecte e vae dar a pax ao coro, e no fim vae ao altar, genuflecte, dá a pax ao credenciario ou acolyto, que o acompanha, e vae para a direita do celebrante.
Depois da pax	Vem para a direita do celebrante, inclina-se profundamente á communhão, descobre o calix e ministra as abluções costumadas.
Depois das abluções	Vem para o lado do Evangelho, e ajoelhando no meio, vae ao altar compor o calix, etc., que traz para a credencia, ajoelhando no meio do altar.
A's orações	Assiste atraz do diacono.
A' benção	Se o ultimo Evangelho não fór o de S. João, depois do <i>Ite missa est</i> toma o missal, e vae ao meio do altar, á esquerda do diacono, ajoelha e recebe a benção, e depois colloca o missal no altar.
A Evangelho do fim e ao concluir a missa.	Assiste á esquerda do celebrante tomando a tabella ou sacra para ler o Evangelho de S. João, depois vem com o celebrante ao meio do altar, faz a inclinação, e no degrau faz genuflexão etc.

PUBLICAÇÃO DA BULLA DA SANTA CRUZADA

Relação dos circulos em que ha de ter logar esta solemne publicação, relativa ao anno de 1879.

ARCIPRESTADO DE MOGADOURO.

Cabeças de circulo	Dias e horas da publicação.
Mogadouro	9 de Fevereiro ás 10 horas da manhã.
Valle-de-porceo	9 de » ás 5 » da tarde.
Burçó	10 de » ás 5 » da »
Lagoaça	11 de » ás 2 » da »
Castello Branco	11 de » ás 5 » da »
Meirinhos	12 de » ás 7 » da manhã.
Valle Verde	12 de » ás 5 » da tarde.
Paradella	13 de » ás 7 » da manhã.
Villadada	13 de » ás 5 » da tarde.
Ventuzello	14 de » ás 5 » da »

Cabeças de circulo**Dias e horas da publicação.**

Villarinho	15 de Fevereiro ás	7 horas da manhã.
Brunhoso	16 de " ás	10 " da " "
Brunhoso, 1 de Fevereiro de 1879.		

O Arcipreste,

*Antonio Justiniano Alves Ribeiro.***ARCIPRESTADO DE AMARANTE.**

Amarante	9 de Fevereiro á	1 hora da tarde.
Bustello	10 de " á	1 " da " "
Gondar	11 de " á	1 " da " "
Villa Chã do Marão	12 de " á	1 " da " "
Villa Cahiz	13 de " ás	2 " da " "
Mancellos	14 de " ás	9 " da manhã.
Santa Christina de Figueiró	14 de " ás	2 " da tarde.
Villa Cova da Lixa	15 de " ás	9 " da manhã.
Tellões	15 de " á	1 " da tarde.
Arnoia	16 de " á	1 " da " "

Valinho em Mancellos, 30 de Janeiro de 1879.

O Prior Arcipreste,

*João Teixeira de Sousa Duarte Sampaio.***NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS****Missa conventual do Seminario.***Conferencia liturgica.*

No dia 9, é a domingo da *septuagesima*, assim chamada, por ser a setima domingo antes da da Paixão, e porque d'esta domingo até á Paschoa, vae o espaço de quasi setenta dias.

Assim como o espaço de tempo que medeia do Natal até agora, é especialmente destinado a honrar a infancia e a vida occulta de Jesus, assim este d'aqui até á domingo da Paixão, é destinado a honrar a vida publica ou apostolica de Christo.

Desde a septuagesima até á quaresma, tem a Egreja em vista preparar seus filhos para os grandes mysterios que vão então celebrar-se.

Os gregos começavam o jejum dos quarenta dias, ou quadregesimal, já desde a septuagesima, pois como não jejuavam quintas, sabbades e domingos de cada semana da quaresma, para preencher os quarenta dias, começavam a jejuar depois da domingo da septuagesima.

Muitas communitades de religiosos começavam tambem desde agora o seu jejum.

E' por isso, que estas tres domingos que precedem a quaresma, são

para a Igreja de penitencia, ainda que menos rigorosa, e por tanto a còr dos paramentos é *rôxa*, e no officio divino não ha *Te-Deum*. A missa não tem *gloria*, e a *alleluia* é supprimida tanto no officio como na missa, e no principio de cada uma das horas do officio depois da *Gloria Patri*, etc., se deve dizer em lugar d'*alleluia*—*Laus tibi, Domine, rex æternæ gloriæ*—que tem a mesma significação que a palavra hebraica—*alleluia*—mas sem a expressão d'alegria d'esta ultima.

O rito é *semiduplex* de 2.^a classe.

A missa é propria tendo tres orações— a 1.^a da domingo, a 2.^a *a cunctis*, e a 3.^a *ad libitum*, isto é, pôde o sacerdote escolher a oração entre as do missal, mas não pôde omittil-a.

A Epistola é do cap. 9.^o da 1.^a de S. Paulo aos Corinthios, em que o Apostolo anima estes povos a correr no caminho das virtudes, como os athletas da Grecia em certos jogos, a fim d'alcançarem um premio.

O Evangelho é do cap. 20.^o de S. Matheus, em que Jesus Christo refere a parabola do pae de familias, que chamou operarios para trabalhar na vinha a todas as horas do dia, isto é, pela manhã cedo, á hora de tercia, de sexta, de nóa e á undecima hora ou pela tarde.

Este pae de familias, no sentido anagogico, significa a Deus, a vinha a Igreja ou a alma, a praça o mundo, os trabalhadores são os homens, as diversas horas são os diversos tempos da vida em que Deus chama, o dinheiro ou paga é a gloria.

Deus a todos chama a trabalhar na sua vinha e chama a todas as horas, chama sempre; ao alvorecer da vida, na manhã da juventude ao meio dia da virilidade e na tarde da velhice.

Feliz aquelle que ouve o chamamento de Deus, e lhe é fiel, logo desde o alvorecer da vida; e começa trabalhando na cultura da alma com todo o afan logo desde os mais tenros annos até á morte, ou até o justar das contas.

Mas nem porisso se descontente o que só obedeceu ao chamamento de Deus na tarde da vida porque o Senhor pagará não tanto olhando á extenção do tempo como ao fervor da caridade, como se dá a entender na mesma parabola, mandando pagar a todos igualmente, em razão do cuidado e actividade com que os ultimos trabalharam, sendo porisso equiparados na recompensa aos primeiros chamados.

Tem *credo*, e no fim *Benedicamus Domino*, porque a missa não tem *gloria*.

O prefacio é da Trindade.

Acolytharão :

De diacono—Antonio Martins Ledo.

De subdiacono—Manoel José d'Araujo Faria.

Mestre de ceremonias—João Baptista Rodrigues.

Credenciario—Francisco Antonio Domingues.

Thuriferario—Francisco Martins Vicente.

Braga, Seminario Conciliar de S. Pedro, 27 de Janeiro de 1879.

O Vice-Reitor do Seminario,

Padre João Rebello Cardoso de Menezes.

Benção Conjugal.

O bispo da diocese de M. em França supplicou com instancia á sag. cong. dos Ritos a declaração das seguintes duvidas.

I. Se o sacerdote, quando se celebram matrimonios fóra da missa, como nas igrejas das cidades da diocese de M. acontece frequentemente, pôde dar a benção aos esposos e recitar as orações que no Missal se acham na missa *pro Sponso et Sponsa*, e se deve dizer tudo aquillo que está não só depois do *Pater noster*, mas tambem antes do *placeat*, quando se trata de nupcias em que a supradita benção não deve ser negada? E *quatenus affirmative*, se é obrigado?

II. Se é licito differir a missa *pro Sponso et Sponsa*, e a benção para o dia proximo seguinte, ou para algum outro mais remoto, ainda que antes de receberem a benção no templo tenham cohabitado na mesma casa?

III. Se porventura a prohibição das Nupcias no tempo do Advento e da Quaresma deve tão sómente entender-se da missa *pro Sponsis* e das preces postas no Missal *pro benedictione Nubentium*, ou se attinge o proprio matrimonio, que se celebra sómente com as ceremonias e preces, que se acham no Ritual?

IV. Se dada pelo Bispo a licença para se contrahir o matrimonio, nos tempos prohibidos pelo S. Concilio Tridentino se julga tambem permittida a benção dos Conjuges por meio das preces e orações que se contem na missa *pro Sponsis*? E *quatenus negative* poderá o Bispo n'este caso conceder esta faculdade?

S. C. julgou dever responder em 14 d'Agosto 1858.

Ad I *Negative in omnibus*.

Ad II *Negative in casu*.

Ad III *Affirmative ad primam partem, negative ad secundam, dummodo accedat Episcopi venia*.

Ad IV *Negative in omnibus*.

Do que se infere: 1.º Não se pôde dar a benção conjugal quando o matrimonio se celebra *extra missam*.—2.º Não se pôde nunca celebrar a missa *pro sponso et sponsa* e dar a benção nupcial, quando os esposos, depois do matrimonio celebrado *extra missam*, tenham cohabitado—3.º Nos tempos prohibidos pôde celebrar-se sómente o matrimonio, depois de alcançada a licença do Bispo, e nunca a missa *pro sponso et sponsa* com a benção nupcial. O bispo não pode habilitar para esta nos ditos tempos.

—*—

Publicazione Periodica di musica Sacra.

Sotto gli auspici d'ella S. C. di Propaganda Fide Roma—corso 109== Editore P. Manganelli. Publicação mensal em duas folhas em 8.º de oito paginas cada uma; podendo formar no fim de cada anno um grosso volume de musica. Esta musica pertence exclusivamente á eschola romana, sendo os auctores escolhidos entre os melhores mestres.

As assignaturas fazem-se ou no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho, e não se aceitam assignaturas por menos d'um anno.

Toda a assignatura que se faça deve sempre comprehender o semestre corrente ou que começa.

O preço annual d'assignatura é de 12 francos para a Italia e 13, 50 frs. para o resto da Europa, devendo ser paga adiantada.

Em Portugal é correspondente do editor o ill.^{mo} snr. Antonio José de Figueiredo—Lisboa—rua de S. João dos Bem-casados n.º 71.

Esta publicação que já começou no anno passado vem preencher uma grande lacuna, que entre nós havia pois infelizmente quasi todas as musicas, que se ouviaem em nossos templos sagrados, eram ou copiadas ás vezes das operas as mais lubricas, ou pelo menos exprimindo os sentimentos os mais profanos e inteiramente contrarios ao que tão expressamente recommenda o sagrado Concilio de Trento.

A musica é uma linguagem que exprime um pensamento, e portanto uma idéa religiosa não se pode sem uma profanação sacrilega, e sem um erro o mais grosseiro exprimir-se por uma musica profana.

Isto é pelo menos um crime e um erro crasso.

—*—

Hoje celebrou-se na Igreja do Collegio missa cantada com responso por alma do SS. Padre Pio IX, com assistencia dos estudantes e professores do Seminario.

ANNUNCIOS

O CODIGO PENAL DA IGREJA

OU

A CONSTITUIÇÃO «APOSTOLICÆ SEDIS»

COMMENTADA E ANNOTADA

PELO

Presbytero João Rebello Cardoso de Menezes

O producto d'este trabalho é applicado em beneficio dos collegiaes pobres do Seminario Conciliar de Braga.

Preço. 200 reis.

Vende-se este opusculo na redacção d'este jornal e no Seminario de S. Pedro, em Guimarães em casa do revd.^{mo} snr. padre Abilio Augusto de Passos, na Povia de Lanhoso em casa do revd.^{mo} snr. fr. Florentino de S. Thomaz, no Porto em casa do snr. José Carlos das Neves, rua das Flores n.º 224, em Villa Real em casa do snr. Antonio Custodio da Silva, livreiro, na rua Direita, em Vianna, Barcellos, Fafe, Monsão e Chaves, Montalegre e Povia d'Varzim, em casa dos revd.^{os} Arcepresbtes, no Mogadouro em casa do rev.^o p.^o Joaquim Leite.